

## Prefaciando Uma Escuta Sensível

---

### ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

A potencialidade da imagem como fonte de investigação é inegável, tendo em vista as inúmeras perspectivas de leitura e representação que oferece ao pesquisador. Haverá sempre mensagens não ditas, relações não explicitadas, à espera de um novo olhar ou de um olhar novo, além daquelas percepções as quais nem sempre conseguimos codificar. São sentimentos, emoções e até mesmo a perplexidade diante de um conjunto de contornos ou de um detalhe que emerge, ressignificando a informação primeira. Assim, cada observador realiza uma leitura própria, carregada de subjetividade e singularidade, não obstante essa ser eminentemente histórica.

Nesse sentido, BARTHES afirma:

*...toda a imagem é polissêmica, implicando subjacente aos seus significantes, "uma cadeia flutuante" de significados, dos quais o leitor pode escolher uns e ignorar outros.'*

Dessa forma, contrariando seus sentidos usuais, a objetividade e a subjetividade se mesclam e se provocam mutuamente. O olhar sobre a foto, aparentemente, tudo registra: os tons, os formatos, os semblantes, os traços, as posições... {sobretudo sobre os álbuns de formatura do Instituto Feminino da Bahia). Algo desperta e atrai o observador o inusitado e o descontínuo. Explicita-se, então, o não literal, o sentido obtuso subjacente ao sentido óbvio da imagem. Logo, a partir das relações explícitas inicia-se uma incursão, no avesso do avesso - como diria o poeta Caetano Veloso - norteadas efetivamente pelo sentir do observador, tendo em vista o espaço-tempo histórico em que se insere.

A ausência de neutralidade, na emergência de uma linguagem fotográfica, a recíproca e dinâmica relação entre a fotografia e o observador, inicialmente, expuseram-me à inquietação:..

*... a fotografia me intimida. Talvez porque me revele, me desnude... Nisso seduz-me, propõe-me o inusitado: um diálogo, uma conversa. A nossa fala vai surgindo, não existem a priori critérios ou regras, a não ser a de uma escuta alerta, receptiva e sobretudo persistente. Trilhar o itinerário da leitura fotográfica é, por opção, explicar emoções de toda ordem. Olhos nos olhos. Apesar dela, a foto, ser o objeto de estudo, de análise, seguramente a relação não é ape-nas de observador/observado, mas de múltiplas e recíprocas indagações-sempre inquietantes e quase*

*nunca lineares.*<sup>1</sup> Embora, posteriormente, essa inquietação tenha se revelado como elemento integrante desse processo de busca de uma linguagem fotográfica, que é, em última instância, individual e imprevisível: **Essa conversa, descubro agora, é, por vezes, a perplexidade, a multiplicidade de indagações; perder horas observando detalhes, embora sem perder de vista "as teias de relações ... Espero descobrir outras coisas. Não devo fugir do caos.**<sup>2</sup>

Não obstante a indiscutível relevância da fotografia como fonte histórica, a sua utilização encerra ainda desafios de várias ordens: a transcendência do caráter eminentemente objetivo na produção do conhecimento, em face à desmistificação da neutralidade científica, na busca de um novo paradigma para a ciência; o enfrentamento da complexidade das questões teórico-metodológicas inerentes à leitura iconográfica; a escassez de trabalhos desenvolvidos nessa linha de pesquisa, minimizando as oportunidades de intercâmbio e - sobretudo - nossa experiência, ainda incipiente, com a leitura de textos mediada pelo documento fotográfico.

Assim, a fala sobre a década de 40 no Instituto Feminino da Bahia figura como um esboço, uma conversa preliminar, gestada no seio de questionamentos e indagações, frente a 15 álbuns de formatura e 01 de festas e exposições; frente também a uma outra história de pouco mais de duas décadas - a minha própria história.

Tendo presente a especificidade desse objeto de estudo, é pertinente refutar qualquer sentido conclusivo que se possa atribuir a ele. O significado da fotografia aqui assumido transcende o aspecto ilustrativo, ela é a informação viva, ressignificada na peculiaridade de cada olhar.

## AO SABOR DO CLIQUE

A incursão à educação privada na década de 40 é efetivamente mediatizada pela experiência de diversas ordens de quem percorre esse itinerário, onde prepondera a minha experiência discente. O cotidiano das décadas de 70 e 80, no qual me localizo, faz-se presente, mais do que nunca, na medida em que me debruço sobre os álbuns do Instituto Feminino da Bahia. As recordações afloram...

Estudante em potencial de escola pública, eu jamais seria aluna regular do IFBa. Mesmo não integrando a elite baiana, eu talvez pudesse estabelecer com ela algum vínculo, significativo e suficiente para permitir o meu ingresso como aluna bolsista. Essa era uma possibilidade plausível como relatou uma antiga colaboradora do instituto ao justificar a sua presença na instituição.

**...peta gratidão por ela ter dado as bolsas de estudo as minhas duas filhas... As meninas não chegavam aqui para dizer estudo de graça. Dona Henriqueta fazia questão de me dar o dinheiro e eu chegar na tesouraria e pagar, pra que as meninas não ficassem humilhadas<sup>3</sup>.** Recordo-me, ainda, que na minha escola a farda se confundia com a das demais escolas. A grande exigência da diretora - tantas vezes burlada - era o uso da camisa branca com o escudo da escola, da calça azul-marinho (no ginásio usei a minha primeira calça) e do ténis preto ou azul. Na verdade, o escudo era o que marcava a nossa singularidade, enquanto alunos inseridos naquela instituição. Efetivamente, são as lembranças dos desfiles de Sete de Setembro - rigor nos tecidos, modelos, tonalidades e paramentos - que conseguem me remeter ao cotidiano do IFBa., onde o destaque e a importância do uniforme faziam desse cotidiano contínuos desfiles de Sete de Setembro.

As fotos mostram as alunas do Instituto com seus uniformes sempre impecáveis: meias até os joelhos, saias compridas, blusas com mangas também compridas, punhos sempre abotoados além das gravatas. Em grupo, em poses similares e tão cuidadosas quanto a farda, elas revelam certamente a rigidez e a distinção que faziam dessa, uma instituição para as moças de *família* da elite baiana. Um outro relato da colaboradora do Instituto, legítima essa inferência: **...fardamento do Instituto, tudo era planejado e estudado. Não era farda igual a de outros colégios. Era uma saia azul-marinho, a blusa de listrinha e tinha um casaco de festa pra vestir por cima...**<sup>3</sup> Meus olhos teimosamente correm pelas fotos procurando flagrar nas vestimentas algum deslize: uma meia arreada, um punho dobrado, uma saia comum comprimento mais ousado. Essa façanha o clique da câmara não conseguiu perpetuar. Revela-se, assim, a presença forte de D. Henriqueta Catharino, identificada com uma característica constante nessas imagens: a disciplina. Esse regime de ordem e perfeição exigido no uso da farda, extrapolava os limites da escola como explicitou a ex-aluna do IFBa.

**... o botão da minha blusa - você não podia andar com blusa arregaçada - caiu antes de sair da escola. Então ficou aquilo meio dependurado e o outro no lugar, ficou meio esquisito. Aí, morrendo de fome, eu sai da escola com uma fome danada - eu já estava no curso de contabilidade -eu dobrei só um lado... E tava indo para casa correndo quando ela passou de carro e me viu com uma manga arregaçada, eu não tava com as duas. Ela parou o carro, saltou do carro, pediu para eu esperar; eu esperei. Disse: - Olhe, que ano você é? Eu me identifiquei com ela. Ela disse assim: -Você, para o nível, não é filha de lavadeira, não pode estar na rua com esta manga. Por que não foi à secretaria botar o botão?... (eu ainda estava segurando os livros assim para não aparecer,**

**mas ela viu esse detalhe)\*.**

Aliado a esse rigor, o uniforme ganhava um caráter sagrado - herança certamente da orientação católica subjacente - uma vez que seu uso implicava também em um comportamento imaculado. PASSOS<sup>5</sup> em seu estudo nos mostra que, no IFBa., o namoro de farda era terminantemente proibido, porquanto considerado uma transgressão às normas da escola, com punição prevista: a suspensão.

Assim, o sexo masculino irrevogavelmente ausente na escola, diante de uma clientela feminina, figurava no seu exterior como uma tentação, alvo certamente dos sonhos daquelas adolescentes, futuras mulheres ligadas a atividades administrativas públicas, precursoras da inserção da mulher baiana no mercado de trabalho. Em contraste a essa realidade, como aluna de escola pública laica, não experienciei a ausência da figura masculina na escola. Nesse contexto, compúnhamos e disputávamos um mesmo espaço. Éramos qualquer um. Entre os Souza, Mendonça e Ribeiro, havia certamente os filhos de lavadeira, como já pressupunha Dona Henriqueta.

São os mestres e religiosos as únicas presenças masculinas registradas nos álbuns. Entre paraninfos e homenageados, lá estão o Monsenhor Appio Silva, Padre Jorge Soares, Dr. Francisco e Dr. Nelson, que se revelou o grande destaque da década, presente em nove das quinze formaturas dessa época. Terá sido ele o mestre mais apreciado pelas alunas? Haveria aí uma relação professor-aluno perpassada por laços afetivos e democráticos?

Os questionamentos específicos dessa relação perduram, embora os documentos fotográficos indiquem relações intra-escolares predominantemente hierarquizadas, próprias da pedagogia tradicional, entre elas a preponderância da figura docente na prática educativa. Nos quadros de formatura, a dimensão das fotos varia de acordo com a posição do fotografado na hierarquia institucional - no menor tamanho estão as alunas. ) Aquelas que registram o cotidiano escolar, embora mais informais, não fogem a essa regra. Pela pose e disposição diferenciadas, um observador facilmente infere a presença de grupos distintos -corpo discente, docente ou administrativo. Uma fotografia tirada na área externa do Instituto Feminino da Bahia é bastante elucidativa: um grupo de alunas sentados em frente à escola e, um outro menor, de pé, em um plano mais elevado, atrás de uma espécie de balaústre. Essas são as informações contidas no seu verso:

***Lembrança do 22º aniversário do  
Instituto Feminino grupo tirado  
após a missa.***

Ao alto o corpo administrativo, vendo-se ao centro a Dirigente da Escola D. Edith Cortizo. Bahia, 5 de outubro de 1944<sup>5</sup>.

A emergência de um novo modelo econômico brasileiro, a ascensão, mesmo tênue, do movimento feminista no país e as necessidades da elite baiana gestaram o IFBa com sua proposta educativa –

embora profissionalizante de cunho essencialmente religioso e feminino.

Essa síntese audaciosa e paradoxal de modernidade e tradicionalismo, de desenvolvimento e religiosidade emerge contundentemente do conjunto de inscrições e representações expressas nos álbuns: são navios, guinchos, folhagens, silhuetas; ou ainda, inscrições tais como *IN CRUCE SALUS*, *PRINCÍPIOS GERAES DA SCIENCIAS*, *RAZÃO*, *CAIXA*, *DIÁRIO*, entre outros.

As fotografias das formaturas-agora já técnicas em contabilidade, Secretárias e Auxiliares de Escritório - tendo sempre como pano de fundo altares com seus castiçais, velas, imagens de santos e crucifixos são também bastante reveladoras. As solenidades de formatura eram realizadas na capela do próprio IFBA, precedidas de missa solene, segundo o ritual católico.\*

Imersas nesse cotidiano religioso, onde os valores morais e espirituais per-passavam com fervor a prática pedagógica, como se situavam as alunas do Instituto diante da realidade sócio-econômica e política do momento histórico que viviam? Vivendo os conflitos da 2ª Guerra Mundial, aliados a uma realidade interna não menos conflituosa, gestada também pelo Estado Novo, o que pensavam essas estudantes? Embora a mulher já exercendo o direito à participação política através do voto, essas não eram as temáticas mais indicadas para as "**mulheres moralmente fortes**", como revelam as ex-alunas entrevistadas.

O que se pode afirmar efetivamente é que, na década de 40, não obstante à peculiaridade do movimento histórico, a cada ano, o Instituto apresentava à sociedade duas turmas de formandas. Eram cerca de trinta profissionais entre Secretárias e Contadoras e, a partir de 1947, Auxiliares de Escritório e Técnicas em Contabilidade - com exceção dos anos de 1943, 1945 e 1946-nos quais foram registrados pelos documentos fotográficos apenas uma turma de formandas e, em 1944 que, surpreendentemente, não apresentou álbum de formatura. Terá esse se extraviado ou esse foi o ano em que o álbum de formatura não aconteceu?

O inusitado no IFBA - a ausência de álbum de formatura - era lugar comum na escola em que concluí o 2º grau, habilitação de Magistério e Técnico em Contabilidade. Creio que na solenidade, na celebração religiosa e na presença do anel de formatura, poderia estabelecer pontos comuns, entre a formatura das Técnicas da década de 40 do IFBA e as da minha época. O grande contraste, entretanto, encontra-se incontestavelmente no significado desse ritual para a sociedade, para a instituição escolar e para os próprios alunos.

Transcendendo os nossos momentos individuais, a câmara nada mais tinha a registrar, revelando-se, assim, uma instituição escolar sem face, pouco significativa no contexto das exigências daquela sociedade interiorana. No conjunto de álbuns do

IFBA, contudo, mais que perfis das alunas, seja nas formatu-ras, seja no cotidiano escolar, emerge o retrato da própria instituição com seu projeto de educação intrinsecamente articulado às necessidades da burguesia baiana.

Assim, estudar no IFBA figurava como um influente cartão de visita, e era com orgulho que a instituição exibia o nome de suas 226 alunas, registrado nos álbuns de formatura. Além da importância do nome, a procedência também era dado relevante, uma vez que a maioria dos álbuns registra a origem do corpo discente. O Instituto recebeu, além de baianas, alunas de diversos estados do nordeste, do sul e inclusive estrangeiras (Cuba e Espanha).

Álbuns suntuosos, com capas de madeira, veludo ou couro, contendo em inscrições douradas o nome da instituição e do curso, com seus respectivos símbolos, figuram como catalisadores das famílias de nome da época. Em preto e branco, os Fotos Studio Viena, T. Dias e sobretudo o Foto Jonas escolheram ângulos, indicaram poses e utilizaram-se da tecnologia, registrando essa história. História de estudantes que fechavam um ciclo de suas vidas com **chave de ouro**, para abrirem as portas do mercado de trabalho e manterem uma outra aberta: aquela que as permitisse transitar com desenvoltura da função de Técnica à exímia administradora familiar. História que retrata as trilhas percorridas pela educação privada na Bahia e que poderá suscitar, sobretudo, reflexão sobre outras histórias, além da minha própria, enquanto aluna da escola pública - reflexão acerca dos limites e possibilidades da educação contemporânea.

---

*("Anotação feita no reverso de uma fotografia assim registra)*

"Formatura solene de 1941

Após a cotação de grau, as nossas secretárias posam com o paraninfo, Dr. Nelson de Sousa Oliveira na Capela do IFBa.

Escota Comercial Feminina da Bahia  
16 de dezembro de 1941."

---

## NOTAS

1 BARTHES, Roland. O óbvio e o obtuso. Edições 70, 1982; 32.

2 RIBEIRO, Neurilene M. Anotações para discussão. Bolsista CNPq/UFBA (Textos apresentados ao grupo de pesquisa, maio de 1992).

3 Colocadora do Instituto Feminino da Bahia.

(Entrevista concedida ao grupo de pesquisa).

4 Egressa de 1946.

5 PASSOS, Elizete Silva. Mulheres moralmente fortes: O ideal perseguido pelo Instituto Feminino da Bahia, 1945-55 (Mestrado em Educação. UFBA, 1991).

6 Álbum de festas realizadas/exposições - Álbum da

Escola n° 11.

Álbum de Formatura - Secretárias de 1941 (n° 13).